

O POETA ENQUANTO ENSAÍSTA, MODOS DE LEITURA: MANUEL DE FREITAS E AL BERTO

THE POET AS ESSAYIST, METHODS OF READING: MANUEL DE FREITAS AND AL BERTO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p14-29>

Rodolpho Pereira do Amaral¹

RESUMO

Este artigo procura elaborar uma dialogia entre os papéis de crítico/ensaísta e poeta praticados por Manuel de Freitas. Destacamos, num primeiro momento, alguns elementos temáticos do interesse de Freitas enquanto ensaísta da obra poética de Al Berto, textos trazidos a público com os títulos *Noite dos Espelhos* e *Me, Myself and I*. Em seguida, procuramos discorrer sobre os pontos sublinhados e as dimensões que assumem na obra poética de Manuel de Freitas – ou seja, de ensaísta a poeta, as duas escritas estarão em diálogo. Levamos em consideração o próprio teor crítico de Freitas, seus protocolos de leitura e recepção de obras poéticas, além da retomada pontual de outros trabalhos críticos – nomeadamente *Pedacinhos de Ossos* e o prefácio à antologia *Poetas sem qualidades*. Em relação à sua obra poética, detemo-nos com mais afinco no livro *Ubi Sunt*, contudo não deixamos de mencionar outras produções.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia contemporânea; Ensaio literário; Manuel de Freitas; Al Berto; Crítica.

ABSTRACT

*This article seeks to develop a dialogue between the roles of critic/essayist and poet played by Manuel de Freitas. We highlight, at first, some thematic elements of interest to Freitas as an essayist of Al Berto's poetic work, texts brought to the public with the titles *Noite dos Espelhos* and *Me, Myself and I*. Then, we try to discuss the underlined points and the dimensions they assume in Manuel de Freitas' poetic work – that is, from essayist to poet, the two writings will be in dialogue. We take into account Freitas' own critical content, his protocols for reading and receiving poetic works, in addition to the occasional resumption of other critical works – namely *Pedacinhos de Ossos* and the preface to the anthology *Poetas sem qualidades*. In relation to his poetic work, we pay more attention to the book *Ubi Sunt*, but we did not fail to mention other productions.*

KEYWORDS

Contemporary poetry; Literary essay; Manuel de Freitas; Al Berto; Criticism.

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

1.

Parece haver um consenso a respeito de Manuel de Freitas em relação à poesia (de sua concepção à materialidade do livro): a ruptura com o instaurado. Desde a concepção da poesia, para o autor, em que a própria linguagem põe em jogo uma desestabilização, uma denúncia das linguagens hegemônicas, sobretudo a publicitária. No prefácio intitulado “O Tempo dos Puetas” (FREITAS, 2012), feito para a antologia *Poetas sem Qualidades* (2002), Manuel de Freitas tece considerações sobre a contemporaneidade e o reino do quantitativo, sobre as relações mercadológicas e a necessidade imperiosa de uma poesia que faça frente a essa lógica – isto é, uma poesia que faça jus à própria natureza sem qualidades para essas práticas de lucro. A materialidade, como extensão de um projeto estético, também resulta de uma preocupação com o acesso, a produção, o qualitativo em sobreposição ao quantitativo. A postura política de Manuel de Freitas perpassa, então, o modo de produção da obra, o que de articulação angaria nas comunidades a que se direciona, a circulação que rejeita aspectos predatórios. Dito de outra forma, interessa a esse autor a preocupação com o *objeto* em todas as suas fases, de modo a ter uma “responsabilidade estética (uma ética da contemporaneidade, se preferirmos)” (FREITAS, 2012, p. 156) com o fazer da palavra.

Esse mote leva-nos à outra questão que comumente incita leituras opostas: o círculo de eleição do poeta, isto é, a escolha de outros poetas para figurarem em antologias, ensaios, convites para publicação através de sua editora – Averno – que encabeça com a poeta Inês Dias. Se para uns essa aderência tem o peso de um poeta que fica encapsulado com outros similares no quesito ação e pensamento, para outros a escolha é desdobramento do projeto político ligado à poesia: reunir, à sua maneira, os poetas sem qualidades avessos a “certos arrebatamentos líricos mais ou menos consagrados” (FREITAS, 2012, p. 163). Interessa-nos desde já reunirmo-nos ao segundo grupo, que pensa a atitude de junção por similaridade como um gesto também poético, preocupado com a coerência de alguma poesia e a proteção que uma comunidade sólida pode vir a oferecer a seus integrantes. Esta atitude é inerente ao poeta, pois “quem constrói um poema constrói a sua assinatura, a sua morada, o seu testemunho. Essa é a condição ética da poesia” (LOPES, 2019, p. 169).

Importa discorrer sobre a nossa escolha que, inclusive, recai no próprio interesse de Manuel de Freitas em elaborar textos ensaísticos acerca

2.

Para o poeta Manuel de Freitas, que se encontra em várias instâncias do fazer poético devido às funções que acumula (poeta, editor, livreiro, crítico etc.), é primordial que um dos pontos de interesse destacados na prática de escrita de Al Berto seja justamente a dupla função exercida na publicação do seu primeiro livro – *À Procura do Vento num Jardim d’Agosto* (1974/75). Nesse livro de estreia, o poeta será simultaneamente autor e editor, assinando ainda com o nome civil Alberto R. Pidwell Tavares. É também nesse livro que encontraremos temas caros à poesia de Al Berto e que serão destaques de Manuel de Freitas nos dois ensaios dedicados à literatura albertiana, nomeadamente a tendência autobiográfica na profusão de um eu insistente e multifacetado; o desdobramento “diarístico” de uma escrita que forja a intimidade, fazendo uso de elementos subjacentes a esse gênero, tais como “datação, introspeção, pendor descritivo, coincidências biográficas, etc.” (FREITAS, 2005, p. 20); o caráter lisérgico que impulsiona a composição da escrita de diversas formas; além de estar documentado nesse livro de estreia a cisão do nome do próprio poeta, início de declaração que aloca o sujeito empírico (Alberto) e o sujeito da enunciação (Al Berto) dentro de uma organização textual muito particular.

Para Manuel de Freitas, a participação nos diferentes estágios de composição do livro denota um meio de tornar pessoal algo que passou a ser pensado em larga escala, afastando o autor da materialidade do objeto que produziu. Nesse sentido, há um certo jogo sobre o próprio *status* de raridade da poesia, essa linguagem que precisa se contrapor às hegemonias. A efetivação de acuidade com o projeto literário se dá de muitas maneiras, seja na elaboração da capa, do formato, seja na escolha dos lugares por onde o livro vai circular, para citar alguns exemplos. Uma das formas de pensar um projeto estético para além do texto escrito e que encontra recepção na leitura crítica de Freitas acerca da poesia de Al Berto é a utilização da fotografia. A inserção de outra linguagem dentro do livro assume significados variados, quer no que diz respeito ao próprio teor de autobiografia/autorrepresentação, quer no que diz respeito às simbologias das fotografias.

Foto/grafia, como grafa Manuel de Freitas na seção dedicada às suas análises, demanda algo que, para a poesia de Al Berto, também se

entreve ao progresso humano e, até mesmo, um totalitarismo tecnológico” (FREITAS, 1999, p. 24). Desse modo, estamos diante de uma problemática de uma das principais tarefas da memória – a escrita (FREITAS, 2005). A escrita como um mecanismo de gravação – *memotecnia* – possibilita, assim, uma experiência de partilha do próprio tempo, de narrativas comuns e, por isso, é também uma experiência de comunidade. A sabedoria perpassa a todos pela mediação da memória e este saber, na perspectiva apontada por Freitas, também se percebe na analogia entre o corpo da cidade e a desterritorialização do corpo do sujeito, como perda de referência deste: “não consigo dormir com esta ferida / as máquinas sussurram, trepam pelas paredes, escancaram portas, invadem / a casa, ocupam os sonhos / sirenes, alarmes lancinantes, cremalheiras da noite ressoando no limite do / corpo” (AL BERTO, 2009, p. 161).

3.

Na esteira de uma tradição iniciada por Baudelaire, como aponta Pedro Eiras (2007), Manuel de Freitas faz denúncias assertivas sobre o progresso. Não um progresso “universal”, mas situado de maneira crítica no seu país, mais especificamente na cidade de Lisboa; o poeta é, portanto, crítico ferrenho da cultura de massificação e da mercantilização da vida no contexto português. À revelia da velocidade trazida pelas novas tecnologias e presente na diversa constelação do progresso encabeçado pelos líderes mundiais, Manuel de Freitas trará à baila, de muitas maneiras, a desaceleração da vida. Essa resistência só é possível com a lentidão que a escrita e a leitura podem proporcionar, permitindo ao sujeito contemporâneo a possibilidade de contemplação frente a um mundo que olha, mas não vê. Um certo elogio à lentidão já referido como destaque na poesia de Al Berto, em que o próprio Manuel de Freitas sublinha como inerente ao fazer poético.

A propósito do estreitamento proposto no estudo acerca de temáticas comuns aos dois poetas, há um campo semântico idêntico entre Al Berto e Manuel de Freitas: melancolia, desolação, morte, tristeza, amargura, já que são poetas que vivenciam o seu próprio tempo, um tempo de desolação e banalizações do mal e da morte.

Retomando o quesito lentidão, em Manuel de Freitas podemos destacar dois modos pelos quais o poeta tematiza esse ponto: o primeiro, está na escuta; o segundo, na observação da vida e dos transeuntes dentro

tensionada. É também na taberna e nos cafés de Lisboa que o *locus* afetivo é muitas vezes demonstrado na poesia de Freitas, ora na referência a seu Manel, em “O azul, de novo”, ora na preferência por Inácio, num poema que carrega seu nome:

PREFIRO O INÁCIO,

a quase todos os poetas que conheço.
Não sei se morreu ou se já não vive
- pois foi proibido de beber
e de fumar, e o Inácio era
essencialmente isso: um grande bêbedo
e um fumador diligente, que ensinara
o cão a ir junto da taberneira buscar-lhe
novo maço de tabaco. Quem viu, acredita.

Quem não viu, falhou o milagre (FREITAS, 2019, p. 13).

O par antitético memória e esquecimento está a todo o instante presente nos mais de trinta livros lançados por Manuel de Freitas. Enquanto Al Berto tece uma poética em que a memória está atrelada a si mesmo – evidência da autorreferência inerente à sua literatura –, Manuel de Freitas tem interesse numa memória dos lugares, das pessoas que os frequentavam e até de si mesmo, mas como resultado do encontro com o outro. Dois polos, então: de um lado um “narcisismo feroz” (FREITAS, 1999, p. 73) preocupado com a ruína do próprio corpo (o empírico e o textual) presente em Al Berto; de outro, a procura da memória como partilha, como construções narrativas comuns a sujeitos que dividem e frequentam o mesmo espaço, endereçamento praticado por Freitas. A propósito dessa poesia do imanente cuja *relação* com o tempo em que se vive é mais importante que o testemunho acerca dele, é Tamy Pimenta (2017) a trazer a ideia de literatura como construção de espaço de afeto na poesia de Freitas. Citamo-la:

Podemos observar o uso de certos mecanismos que reforçam a ideia de livro de poesia como um espaço de partilha afetiva tanto dentro dos poemas, com o uso da citação, de endereçamentos, da segunda pessoa do discurso, de tempos verbais que reforçam o diálogo ou a interpelação, dentre outros; quanto na própria elaboração dos livros, por meio das dedicatórias, notas e cunho artesanal das publicações (PIMENTA, 2017, p. 6130).

Essa partilha a que se refere Pimenta é verificável em vários títulos de poemas presentes no livro *Ubi Sunt* (2019), em que o sujeito lírico parece querer associar experiências aos locais que frequenta, espaços externos, por vezes internos, e coletivos: “Rua Luciano Freire”, “Largo do Calvário”, “Santarém, 12 de fevereiro de 2013”, “Hotel Astória, Quarto 229”, para citar alguns títulos. Os poemas de *topos* dão a saber também o itinerário do poeta, a geografia da partilha do seu desencanto, do seu descontentamento com o mundo, que sempre foi péssimo, segundo Freitas: “Acho que todos os tempos são difíceis; o nosso tempo de vida, ao parecer pior, deve-o apenas ao facto de ser o nosso” (LEMOS, 2018, p. 296).

Por fim, outro mote da poesia de Freitas é precisamente a morte. Segundo Pedro Eiras, a morte figura como uma espécie de obsessão nessa poesia: “a pequena morte pessoal sem sentido, irreparável, [...], como todos os livros de Manuel de Freitas, não dirá, em todas as suas glosas, nenhuma vontade senão a de morrer” (EIRAS, 2007, p. 180). Estamos diante de um sujeito lírico que tematiza a morte em amplos aspectos, desde a ruína na *polis* e nas relações humanas, seus possíveis simulacros, até a morte efetiva de um corpo que já nasce morrendo.

‘Tantas gajas!’ – disse a Daniela, enquanto
o Luís nos tentava ler um elogio sumário
de John Cage. Eu, sempre mais propenso
à sombra, arruinei de vez o estore do quarto.

A Inês riu-se, sabendo da minha total imperícia,
e juntos, nesse fim de tarde, reuníamos provas materiais
de que uma vida é apenas uma morte. Já passou (FREITAS, 2019, p. 24).

Contudo, é justamente por esse contato tão estreito com a morte que a valorização do que é vida pulula nas páginas dos livros, aproximando mais uma vez um par de antítese: “O tempo, uma vez mais, estava contra nós. Mas tenho/ de te dizer que apertar-te a mão e reconhecer-te vivo/ me salvou de um dos piores dias que esta cidade me deu” (FREITAS, 2019, p. 25).

Num mundo megalômano em que todas as miudezas não têm valor, a figuração da pequena morte – não aquela praticada por inúmeras políticas de morte ao redor do mundo, pois essas são mortes midiaticizadas e servem ao propósito do espetáculo – na poesia torna-se um ato

imperioso, porquanto essa linguagem é contrária às hegemonias. A morte, como nos recorda Benjamin em seu ensaio “O Narrador”, também possui uma disposição pedagógica, já que “na autoridade daquele que vai morrer e se recorda da vida, está a origem da narrativa (BENJAMIN, 1983, p. 199 *apud* PENNA, 2013, p. 54). Ou seja, a morte ensina a lidar com a memória, a narrativa, o discurso lutuoso e a condição primeira do humano – que é acabar.

A morte, como apontada por Freitas em *Al Berto*, assume inúmeros aspectos e desdobramentos temáticos (do pictórico à textualidade). Em Freitas, até as dedicatórias retomam o nome morto, fazem referência a essa ausência no mundo que passa a estar no agora pela linguagem poética, que retoma a nomeação no corpo textual. O nome evocado na dedicatória, para além do teor afetivo de ofertar algo a alguém, também serve de lembrete ao sujeito lírico que escreve a memória, posto que “o nosso reconhecimento enquanto mortais apenas pode ocorrer a partir da experiência da morte do outro” (DASTUR, 2012, p. 14 *apud* PENNA, 2013, p. 55). No poema “O azul, de novo”, dedicado à memória de Rubem Fontoura, há a dolorosa associação do lugar que se visita a uma pessoa que já não está mais ali, conjugando morte e memória afetiva:

Mas o que me inquieta, cada vez que regresso, é a ausência escandalosa do Conde e da Maria Aurora. Seria simples e concludente perguntar ao Ruben o motivo dessa ausência. Receio, porém, ouvir uma resposta que é demasiado fácil adivinhar e que se mantém, afinal, a única resposta (FREITAS, 2019, p. 16).

O discurso lutuoso, arrematemos, encontra-se presente em todas as obras de Manuel de Freitas, como já referido por Pedro Eiras, praticando assim um rito de conservação que é umas das principais tarefas da memória: a escrita (FREITAS, 2005). À semelhança dos pares morte e vida, mortos, na poesia freitiana, validam ainda mais os mortais presentes no tecido do texto (amigos, familiares, personagens casuais). Parafraseando Beatriz Penna (2013), esses comparecimentos criam a comunidade dos mortais.

REFERÊNCIAS

AL BERTO. *O Medo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

ALVES, Ida. "Paisagem, aceleração e poesia por uma geografia das emoções". *Revista de Letras, Fortaleza*, n. 34, vol. 1, p. 27-38, jan.-jun., 2015.

AMARAL, Fernando Pinto. *O mosaico fluido*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

CABRAL, Cleber A; LIMA, Sérgio H. S. "Roteiro de Variações: Entrevista com Manuel de Freitas". *Revista Em Tese, Belo Horizonte*, n. 3, vol. 20, p. 250-257, set.-dez., 2014.

EIRAS, Pedro. "Meu Deus de brincar somente – Bach na poesia de Manuel de Freitas". *Cadernos de Literatura Comparada, Porto*, n. 17, p. 177-194, dez., 2007.

FREITAS, Manuel de. *A noite de espelhos: modelos e desvios culturais na poesia de Al Berto*. Lisboa: Frenesi, 1999.

FREITAS, Manuel de. *Os infernos artificiais*. Lisboa: Frenesi, 2001.

FREITAS, Manuel de. *Me, myself and I: autobiografia e imobilidade na poesia de Al Berto*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

FREITAS, Manuel de. *Jukebox 1 & 2*. Vila Real: Dom Texto, 2009.

FREITAS, Manuel de. *Pedacinhos de ossos*. Lisboa: Averno, 2012.

FREITAS, Manuel de. *Ubi sunt*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019.

LEMONS, Masé. "O poeta do terceiro andar: entrevista com Manuel de Freitas". *Texto Poético, São Paulo*, n. 24, v. 14, p. 291-298, jan.-jun., 2018.

LIMA, Marleide Anchieta. "Entre violência e desolação: grafias do urbano na poesia portuguesa contemporânea". *Revista eletrônica Literatura e Autoritarismo, Santa Maria*, n. 19, p. 132-145, jan-jun, 2012.

LOPES, Silvina Rodrigues. *A anomalia poética*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2019.

PENNA, Ana Beatriz Affonso. Configurações de tempo e espaço na poética de Manuel de Freitas. In: ALVES, Ida (org.). *Um corpo inenarrável e outras vozes*. Niterói: EdUFF, 2010.

PENNA, Ana Beatriz Affonso. *Jogos de perder: Linguagem, valor e morte na poesia de Manuel de Freitas*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

PIMENTA, Tamy de Macedo. “Uma solidão solidária: poesia como comunidade de afetos em Manuel de Freitas”. In: *Anais Eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC*. Rio de Janeiro, UERJ, 2017. p. 6126-6134.

Recebido em 30 de julho de 2021

Aprovado em 15 de dezembro de 2021

Rodolpho Pereira do Amaral

Mestre em Estudos de Literatura (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal Fluminense e Licenciado em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com dupla diplomação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Contato: rodolph.amaral@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-1109-8985>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença **Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.